

## O HOLOCAUSTO E A NEGACÃO DO HOLOCAUSTO (\*)

PROF. DR. REUVEN FAINGOLD

*“Uma mentira dita cem vezes torna-se verdade”*

Josef Goebbels, Ministro de Propaganda do Reich.

Foram seis milhões de pessoas. Não há sombra de dúvida. Seis milhões de judeus mortos com requintes de brutalidade e de forma sistemática durante a Segunda Guerra Mundial. Um crime hediondo e sem precedentes nos anais da Humanidade, perpetrado com ajuda das tecnologias mais modernas e obedecendo a um programa meticulosamente elaborado para resolver o que os alemães denominaram “*judefrage*” ou a *questão judaica* na Europa.

O profeta do genocídio foi o poeta e pedagogo judeu Itzhak Katzenelson (1886-1944), que pouco antes de ser conduzido às câmaras de gás em Auschwitz já afirmava:

*“Num futuro próximo os nazistas negarão todas suas culpas e, pior ainda, haverá pessoas que acreditarão na sua inocência”.*

Esta profecia se concretizou. Em 1946 se publicava na Suíça a primeira de uma longa série de obras que pretendia minimizar as dimensões do Holocausto, eximir a alta esfera nazista (inclusive o Führer Adolf Hitler) de qualquer responsabilidade pelo genocídio, chegando a negar o verdadeiro significado da *solução final* do povo judeu.

O número de trabalhos aparecidos com este objetivo é enorme. Os autores, na sua maioria, ostentam títulos acadêmicos (nem sempre legítimos) e se esforçam por apresentar suas credenciais de homens de ciência, preocupados com o rigor intelectual, criando uma ilusão de objetividade científica, afogando seus leitores numa quantidade inesgotável de dados e números, grande parte deles falsos ou tergiversados.

Os primeiros escritos que tentam refutar o Holocausto judaico e resgatam provas de sua inexistência, foram redigidos em 1948 pelo prisioneiro comunista de Buchenwald Paul Rassinier. Seu livro intitulado *Debunking the Genocide Myth* (Desmascarando o mito do Holocausto) se converteu em best-seller, citado com assiduidade pelos representantes da escola *revisionista*.

No entanto há quem supere Rassinier apresentando credenciais acadêmicas. Faço menção ao Prof. Arthur Butz, um engenheiro eletrônico que se desempenhou como docente numa respeitável universidade americana, fato que fortaleceu sua falsa objetividade científica; principalmente aos olhos daqueles para quem um acadêmico é sempre um acadêmico, mesmo quando se dedica a pesquisar matérias que pouco ou nada tem a ver com sua própria especialização.

Tanto as obras de Rassinier como de Butz, aumentadas por dezenas de artigos e folhetos sobre a negação do Holocausto, vem sendo traduzidas a diversos idiomas e continuam a publicar-se mundo afora. Algumas se vendem a bom preço e outras são distribuídas gratuitamente por editoras especializadas em anti-semitismo e racismo.

O centro acadêmico de esta escola que coloca em dúvida o Holocausto é o *Institute for Historical Review* (Instituto do Revisionismo Histórico) localizado na cidade de Torrence, próximo a Los Angeles, na Califórnia.

Este núcleo publica uma revista trimestral *The Journal for Historical Review* (Boletim do Revisionismo Histórico), e organiza congressos internacionais reconhecidos por outros centros universitários de renome. A justificativa é o direito legítimo de manter uma polêmica científica sobre o tema Holocausto e a Segunda Guerra, assim como acontece no mundo livre e democrático.

Nesta reflexão abordarei as mais importantes afirmações dos negadores do Holocausto, analisarei também argumentações e métodos, para finalmente apontar linhas possíveis de reação diante destas afirmações caluniosas.

## **A VERSÃO DOS NEGADORES DO HOLOCAUSTO**

Para entender a tese dos negadores, mencionarei os argumentos a partir dos temas que constituem a medula de sua forte obsessão: a tentativa de desmascarar a difusão do mito do genocídio, a descrição do que verdadeiramente aconteceu com o povo judeu na guerra, e finalmente, a ofensiva inescrupulosa contra tudo aquilo que possa servir como prova do assassinato dos seis milhões. Mas, antes, gostaria de fazer um esclarecimento: tenho optado por fazer uma apresentação organizada dos argumentos *revisionistas*, mesmo que os textos lidos apresentam uma grande desordem (talvez intencional) para confundir o leitor. Decidi fazer isso precisamente, para que o leitor (desacostumado com este tipo de temas) possa perceber com maior clareza como, a partir de uma aparência *pseudocientífica*, pretende-se criar um clima de objetividade e cientificismo. É nossa meta deflagrar as nocivas premissas divulgadas nas últimas décadas, inverdades que procuram ter como alvo principal pessoas ingênuas e muitas vezes despreparadas.

### **1. OS RESPONSÁVEIS PELO “MITO DOS SEIS MILHÕES”**

Naturalmente, há elementos responsáveis pela criação e difusão do mito dos seis milhões, forças que, segundo os *revisionistas*, certas vezes funcionam separadamente e outras em conjunto. Estudemos quatro principais:

- O Estado de Israel, os sionistas e o povo judeu atuam motivados por três finalidades: colocar sentimentos de culpa nas nações do mundo obtendo uma espécie de permissão para apropriar-se da Terra de Israel; extorquir economicamente o povo alemão através de indenizações, e finalmente; justificar o forte apoio incondicional emprestado pelos Estados Unidos ao Estado de Israel.
- A União Soviética interessada em impedir o fortalecimento da Alemanha na Europa, colocando permanentemente obstáculos no caminho à unificação do velho continente.
- Os Estados Unidos que, segundo os negadores, necessitam imperiosamente justificar os crimes cometidos durante a Segunda Guerra, e posteriormente no Vietnam. Difundindo o mito, o governo americano convence a mídia e mantém suas forças na Alemanha.
- Elementos governamentais da Ásia e África, dois continentes interessados em

provocar a decadência do Ocidente.

Há aqueles que culpam a todos estes elementos, mas existem outros que apontam os EUA e a União Soviética como os responsáveis principais. Porém, todos os negadores do Holocausto chegam facilmente a um consenso: *Israel carrega a responsabilidade central e sua culpabilidade na situação mundial nunca deve ser questionada.*

## 2. A VERDADE SOBRE A “SOLUÇÃO FINAL”

Os estudiosos *revisionistas* costumam fazer o seguinte comentário em suas obras:

(1) Jamais existiu um programa de extermínio judaico. Quais as principais provas?

- a) O número de judeus que havia no mundo não mudou depois da guerra, em 1945 ele era quase idêntico antes da mesma.
- b) O termo “extermínio” não aparece nas ordens escritas da alta esfera nazista.

(2) O termo *solução final* (Endloesung) que aparece em documentos alemães faz referência a um plano destinado a impor a emigração dos judeus do Terceiro Reich, e posteriormente dos outros países da Europa. Somente quando a emigração tornou-se impossível, aí foi traçado um novo projeto: agrupar os judeus em zonas determinadas da Europa oriental.

(3) Não foram construídas câmaras de gás para assassinar judeus. Se por ventura algumas foram construídas, (como o uso do Zyklon B) foi com o intuito de desinfetar prisioneiros. Se algum judeu morreu nestas circunstâncias foi por causa de certos dementes desajustados.

(4) Judeus serviram como mão de obra escrava. Para obter um melhor aproveitamento, eles foram internados em campos de trabalho forçado junto a prisioneiros de guerra, inclusive alemães. Talvez o exemplo mais destacado seja o campo de Auschwitz onde operou uma fábrica de cortiça para objetivos bélicos. Os *revisionistas* afirmam que os cheiros horríveis do lugar não emergiam dos crematórios e sim dessa fábrica de cortiça. Os velhos e doentes ficavam em acampamentos de trânsito especiais. Daqui fica muito fácil argumentar que campos de extermínio não existiram jamais, somente na imaginação dos criadores do mito.

(5) A morte dos judeus aconteceu pelas precárias condições de saúde reinantes durante a guerra. Calcula-se entre 100.000 e 1.000.000 (talvez 1.500.000) as baixas em campos de trabalho. Vejam os números oscilantes apresentados pelos *revisionistas*! Para eles a maioria dos judeus morreu de tifo, epidemias e doenças contagiosas, mas poucos por assassinato. Os que matavam judeus nunca fizeram parte da administração e da hierarquia nazista. Uma explicação dos negadores: os chefes escolhidos pelos próprios prisioneiros e presos políticos eram muito mais cruéis que os oficiais das SS, forças responsáveis pelos acampamentos. A alta-cúpula nazista não tinha a menor idéia do que acontecia nos campos de prisioneiros. Há uma outra razão para entender o grande número de mortos entre os judeus: eles sobressaíam nos movimentos de oposição ocupando cargos bem importantes nas lideranças comunistas dos territórios do leste. Os judeus foram castigados com rigor, pois não eram considerados seres humanos.

Resumindo, nunca foi implementado um programa de extermínio do povo judeu. Em outras palavras, nenhum judeu morreu assassinado com o conhecimento do Reich, nem de seu Führer ou do próprio povo alemão.

### 3. ARGUMENTOS IMPORTANTES DO MITO E SUA DIFUSÃO

Feitos os primeiros esclarecimentos, surge um outro interrogante: Se o Holocausto não passava de mera ficção, de uma calúnia inventada por elementos interessados em tirar proveito da complicada situação em que se encontrava Alemanha; como explicar que inúmeras pessoas tenham acreditado piamente nesta versão fictícia? Como explicar que milhões acreditassem em tais fábulas?

Os negadores do Holocausto sugerem uma solução simples: fatos mais complexos fazem parte de uma trama articulada que tem como objetivo-mor obter provas aparentemente verossímeis. Desta forma, *revisionistas* conseguem enganar facilmente um público que não costuma correr atrás da verdade. Vejamos alguns exemplos:

- (1) Sobre os fornos crematórios, é verdade que existiram, porém não foram utilizados para queimar corpos de vítimas. Eles serviam para incinerar cadáveres de pessoas que já haviam morrido como consequência das precárias condições de vida que imperavam nos campos. As instalações de câmaras de gás não funcionavam senão como fornos crematórios.
- (2) O gás Zyklon B servia como desinfetante para evitar epidemias contagiosas. Para os negadores jamais se cogitou aniquilar seres humanos com um gás raticida.
- (3) A seleção (*selektion*) de judeus era feita para direcionar prisioneiros aos diferentes lugares de trabalho de acordo com a capacidade de cada lugar. Para os negadores, aqueles que não tinham condições de trabalho eram conduzidos a campos especiais, mas nunca assassinados.
- (4) Tanto *tratamento especial* (*Sonderbehandlung*) como *gasificação* (*Vergasung*), são termos infundados alheios ao extermínio dos seis milhões. Tratamento especial significaria para os negadores um tratamento melhor, e gasificação era algo como ligar um motor por meio de gases. A *solução final* do povo de Israel seria segundo a *Conferencia de Wansee* realizada em 20 de janeiro de 1942: *dar aos 11.000.000 de judeus um tratamento especial*.

Certamente, estes argumentos acima citados suscitam problemas, por exemplo:

- (a) É impossível obter dados exatos sobre o numero de judeus que moravam na Europa antes da guerra.
- (b) Muitos judeus que viviam na Europa nos anos trinta haviam desaparecido de suas casas ao acabar a guerra. Como explicar essa desapareção? Alguns emigraram para EUA e Israel, enquanto outros foram transportados pelos nazistas aos territórios do leste. Aos olhos dos alemães o abandono dos lares lhes fez acreditar que aqueles judeus não mais voltariam a suas casas. Outros judeus apenas desapareceram durante a guerra. Estas idéias simplistas (e por momentos banais) fazem parte do pensamento

*revisionista.*

- (c) Judeus deportados (Abschiebung) ao leste ficaram nos territórios da União Soviética, resultando quase impossível calcular seu número exato.
- (d) Todos aqueles campos tidos como campos de extermínio se encontravam sob controle soviético, ficando impossível fazer pesquisas objetivas sobre o número de mortos e avaliar a ação das unidades especiais (Einsatzgruppen).
- (e) Resulta extremamente fácil apresentar como provas fotografias de corpos sem vida empilhados, mas na visão dos negadores do Holocausto trata-se de pessoas que morreram de morte natural (!) ou de alemães que perderam suas vidas durante os bombardeios.
- (f) Os nazistas julgados pelos aliados como Adolf Eichman, foram pressionados a admitir suas acusações, mas fizeram isto através das torturas e apenas para poder salvar suas vidas. Para os *revisionistas* as testemunhas apresentadas para depor não são confiáveis.

Para os negadores do mito dos seis milhões, os sionistas e seus comparsas não se conformaram com a interpretação falsa dos fatos, mas optaram por caminhos mais deploráveis como ser:

- (1) Inventar provas, forjar documentos e falsear testemunhas, e inclusive inventar a construção de câmaras de gás para exibi-las como provas contundentes do mito.
- (2) Adulterar o número de judeus que emigraram da Europa a Israel. Segundo os negadores, o número de judeus que ancorou na Palestina britânica é mais alto que o publicado oficialmente pelo respectivo governo mandatário. Assim, os *revisionistas* entendem como europeus judeus originários da Ásia e África, mas estes apenas passaram pela Europa na sua conexão rumo a Israel.

Os *revisionistas* não discutem apenas erros, também inserem em suas argumentações mentiras malévolas, a saber:

- (1) Argumentam que Lutero era anti-semita, mas a rigor os sermões deste reformador da Igreja devem ser tomados como antijudaicos. O conceito *Antisemitismus* foi definido pelo jornalista germânico Wilhem Marr somente a meados do século XIX.
- (2) Os crematórios de Auschwitz que são exibidos como provas não foram concluídos antes de março de 1943 e, portanto, as afirmações sobre assassinatos com gás por 1942 não poderiam ser verdadeiras.
- (3) Historiadores responsabilizam a alta cúpula nazista pela *Noite dos Cristais* (1938), quando na verdade os distúrbios nas ruas da Alemanha foram organizados por oficiais com hierarquias inferiores.
- (4) Os cálculos acerca dos judeus mortos estão totalmente errados. O *revisionista* Hilberg adiciona 300.000 almas ao número de mortos num determinado campo de extermínio. Se multiplicarmos por

seis (havia 6 campos de extermínio na Europa), encontraremos um pequeno erro de 1.800.000 pessoas! Enfim, esta é a matemática dos negadores do Holocausto.

- (5) Os negadores ironizam os historiadores do Holocausto, pois acham absurdo levar a sério os discursos de Hitler, uma vez que todo político falta à verdade com extrema facilidade.

Recapitulando, o material histórico aparece aos olhos dos *revisionistas* como uma coleção de documentos falsos, fraudulentos, informações tendenciosas e testemunhas inaceitáveis. Algumas das adulterações dos negadores são pequenas e certas vezes passam inadvertidas, mas elas conseguem modificar o quadro de veracidade existente. Um outro argumento destes falsos historiadores é o fato que o *Museu de Yad Vashem*, fundado em 1953 em Jerusalém, conseguiu reunir somente uns 3.000.000 de nomes de judeus vitimados pelos nazistas. A rigor da verdade, e pela forma brutal em que as pessoas eram mortas e sepultadas, (frequentemente em valas comuns), não existe uma possibilidade real de atingir o número de seis milhões de nomes.

*Revisionistas* alegam que desmascarar inverdades não é tarefa fácil. Os defensores da teoria do mito dos seis milhões tiraram vantagens de dois importantes fatos:

- (1) A Alemanha pós-guerra está enfraquecida e conseqüentemente sua situação não lhe permite entrar num confronto direto com potências como EUA, União Soviética, nações da Europa e Israel, todos responsáveis diretos pela *fraude histórica*.
- (2) As acusações dos negadores estão dirigidas aos governos constituídos na Alemanha nas últimas décadas, especialmente ao de Willy Brandt, amigo dos judeus. Todos aqueles que tentaram revelar *verdades* tanto na Alemanha ou fora dela, não tiveram êxito, e pior ainda, foram severamente castigados.

#### **4. OS NEGADORES – MÉTODOS E MOTIVAÇÕES**

A seguir, traçarei os caminhos que norteiam os negadores do mito dos seis milhões para atingir sua meta final: *a negação do maior crime da Humanidade*.

##### **(a) OS MÉTODOS**

Métodos *revisionistas* são, a rigor, métodos próprios. Eles tergiversam o significado dos documentos, adulteram dados, falsificam testemunhas, e quando alguma evidência forte os ameaça ignoram a mesma. Caso se trate de uma evidência impossível de ignorar, não duvidaram em desqualificar sua autenticidade.

Importante lembrar que foram os próprios nazistas os facilitadores de tais mentiras, a ponto de afirmarmos que o Holocausto e sua negação começaram simultaneamente. Uma ordem de Hitler em julho de 1943, os famosos discursos proferidos por Himmler em outubro desse mesmo ano, e as instruções de Heydrich às unidades especiais na Polônia por setembro de 1939, são prova fiel do propósito dos alemães: *manter no mais absoluto segredo tudo que lidava com a “questão judaica”*. Seguindo esta linha foram tomadas algumas medidas importantes, a saber:

1. Utilizar eufemismos como solução final, purificação, tratamento especial, transportes ao leste, evacuação, etc. O significado de todos os termos era único: *assassinato*. A *Conferencia de Wansee* utilizou somente eufemismos.
2. Por tratar-se de uma implantação gradual, a solução final estabeleceu uma clara separação entre judeus e alemães; criando assim um clima de confiança plena no Führer sem formular perguntas que pudessem incomodar o regime.
3. A instalação de campos de extermínio aconteceu fora da Alemanha, e houve uma dissimulação no que diz respeito das atividades lá realizadas.
4. A idealização de detalhes pensados para enganar as vítimas: fazer declarar bens pessoais para que os mesmos lhes sejam enviados a novos endereços, promessas sobre os campos de trabalho, colocação de cartazes nos campos com a frase *arbet macht frei* (trabalho liberta), e a encenação de preparativos para uma perfeita desinfecção em chuveiros quentes, na verdade câmaras de gás que levavam à morte.
5. A construção do campo de Theresienstadt na Tchecoslováquia, lugar onde imperavam melhores condições, foi solicitada com dois propósitos básicos: a) internar ali os judeus alemães mais destacados, e b) servir de propaganda para que a Cruz Vermelha Internacional perceba que o trato dispensado aos judeus era extremamente positivo.
6. A imposição dos nazistas para que os judeus, poucos momentos antes de serem enviados à morte, enviassem cartões-postais descrevendo as boas condições em que viviam.
7. A inexistência da assinatura de Adolf Hitler autorizando a seus oficiais o assassinato dos judeus nos países conquistados.
8. A frustrada tentativa de apagar todo rastro que possa conduzir aos campos de extermínio antes que finalize a guerra.

Os *revisionistas* extraem o máximo proveito destas oito medidas, especialmente no que se refere à negação do verdadeiro significado dos eufemismos, da falta de uma ordem escrita do Führer, e ao desvendar dúvidas ou contradições, fruto de uma delicada e complexa pesquisa histórica. Não obstante, os negadores do mito dos seis milhões não se conformam com estas medidas. Eles falsificam, mentem e ignoram por completo outras evidências que possam derrubar suas obras. Vejamos alguns exemplos:

2. Para os negadores o Prof. Salo Baron afirmou durante o processo Eichman que na Polônia haviam sobrado após a guerra 700.000 judeus, quando na realidade o historiador falou que restavam ali apenas 73.955.
3. Adulteram por completo o extenso informe emitido pela Cruz Vermelha Internacional em 1948.
4. Alegam que unidades especiais ou esquadrões da morte, *ensatzgruppen*, não atuaram até 1941, e desta

forma desqualificam informes sobre as atividades destes grupos na Polônia dois anos antes, em 1939. Com esta afirmação pretendem confundir a todos, pois havia unidades atuando já em 1939 em território polonês e outras fuzilando no leste da Europa por junho de 1941 durante a Operação Barbarossa.

5. Seguindo Hilberg e outros *revisionistas*, omite-se o fato que nazistas do primeiro escalão como Josef Goebbels e o próprio Führer Adolf Hitler participaram das decisões da *Kristallnacht* (9-10 de novembro de 1938) como outros tantos funcionários das SS.
6. Tomando como premissa que num primeiro momento as portas da Alemanha estavam abertas à emigração e que somente num segundo momento se confinou aos judeus dentro do gueto; os *revisionistas* ignoram por completo a situação de penúria em que viviam os judeus. Eles esquecem que as condições de fome e inanição foram responsáveis diretas pela morte de milhares de judeus. Os negadores “não sabem” que judeus eram deportados ao leste e que jamais existiu uma zona destinada à absorção.
7. É verdade que fornos crematórios trabalhavam em Birkenau a princípio de 1943, no entanto muito antes funcionavam câmaras de gás em alguns edifícios do mesmo campo e os cadáveres dos judeus assassinados eram queimados em fossas abertas. Os *revisionistas* não informam que por 1944 os aliados revelaram ao mundo plantas ocultas de crematórios com uma descrição de câmaras de gás localizadas em Auschwitz.
8. Naturalmente não é interessante para os negadores levar a sério o depoimento do Brod, um membro das SS, que confirmou várias vezes ter havido morte de judeus por meio de gás.
9. *Revisionistas* justificam o *silêncio* do Vaticano em relação ao massacre de judeus como prova que a afirmação que o Papado sabia perfeitamente o que estava acontecendo é falsa. Para os negadores o Papa não tinha o menor conhecimento do que experimentava a Europa conquistada.
10. Os negadores aproveitam o fato que os EUA não fizeram absolutamente nada para acabar com campos como Auschwitz, difundindo assim a idéia que ninguém sabia nada das atrocidades cometidas. E conseqüentemente se os americanos não sabiam é porque tais crimes jamais existiram. Claro que qualquer prova apresentada sobre as mortes em Auschwitz não tem nenhum valor para os historiadores *revisionistas*.
11. A manipulação de dados estatísticos é freqüente entre os negadores. Como escreveu Moacyr Scliar seis milhões de pessoas (dentre elas um milhão e meio de crianças) está além de nossa numerologia habitual. Seis milhões de vítimas pior. É duro admitir, mas é verdade: a extensão do Holocausto ultrapassa as possibilidades até de nossa imaginação.

Resumindo o método: quando for necessário interpretar um assunto a partir de uma *leitura conveniente* opta-se pela manipulação e tergiversação do documento, quando isto fica impossível o documento será ignorado, e quando ficar demasiado evidente e significativo para ignorá-lo, diz-se que ele é falso. Se for preciso inventar novos dados eles serão inventados.

## (b) AS MOTIVAÇÕES

É possível que as motivações dos *revisionistas* não apareçam de forma explícita em suas obras. Faço referência aqui a motivações pecuniárias (patrocínio de livros através de organizações neonazistas ou entidades anti-sionistas), ou estímulos quase sempre recorrentes da vontade de vingança. A seguir, mencionarei o *antisemitismo*, o *racismo* e o *anticomunismo* como principais temas que poderiam chegar a explicar algumas das motivações *revisionistas*.

### 1. Antisemitismo

O ódio gratuito é sem dúvida a principal motivação do negador do Holocausto. O Holocausto perpetrado pelos nazistas demonstra claramente quão grande é a mentira do poder econômico dos judeus alemães. Vejamos a seguir exemplos que mostram o teor anti-semita das obras *revisionistas*:

- (1) Responsabilizam os próprios judeus pelos maus tratos sofridos durante a segunda guerra argumentando que os nazistas tinham pleno direito de internar em campos de concentração a todos aqueles judeus que emitissem opiniões antialemãs. Mesmo sendo anti-semitas os alemães tiveram excelentes relações com os árabes, também semitas. Se não tivessem se autodenominado “povo escolhido” eles teriam sido tratados com maior respeito. Os judeus deveriam ter entendido que durante o Terceiro Reich não havia nenhum lugar para minorias nacionais. Eles se negaram por completo a aceitar esta política do Führer.
- (2) Argumentam que na verdade Hitler era judeu e o sofrimento ocasionado aos judeus tinha um único propósito: obter o estabelecimento do Estado de Israel. Portanto, Hitler (e não Herzl) foi o merecedor do título de “Fundador do Estado Judeu”. O sofrimento experimentado pelos judeus não conhece limites, afinal o auto-ódio é o pior dos anti-semitismos.
- (3) Afirmam que os judeus dominam o mundo inteiro e não há quem consiga supera-los. O poderio espalhou-se nos EUA, país em que conseguiram (com o respaldo dos governos), inventar e difundir o “mito dos seis milhões”, em total contradição com os interesses do Ocidente.
- (4) Dizem os negadores que todos os judeus são fortes aliados dos bolcheviques, dirigindo desde Moscou e Tel-Aviv a política internacional.
- (5) Mencionam textos judaicos para provar que desde os tempos do Talmude (lei oral judaica) o povo judeu inventou “lendas” sobre seu sofrimento milenar.
- (6) Os *revisionistas* sustentam que o materialismo dos judeus se remete a tempos antigos, afirmando que já desde os embates contra o Império romano, os judeus desejavam apropriar-se do ouro, e, conseqüentemente do capital existente no mundo. O sionismo tem esse mesmo objetivo como também o Rabinato, que não persegue metas religiosas, e sim encobre volumosas operações financeiras.

- (7) Argumentam também que um judeu que pretenda escrever sobre o Holocausto, seja pesquisador, testemunha ou juiz, é suspeito e não deve ser levado a sério, pois inventa, mente, calunia, etc.
- (8) Mesmo quando existem diferentes pontos de vista (as vezes contradições) entre historiadores judeus, cada um de seus argumentos responde a interesses de diferentes políticos. Para os *revisionistas* uma figura como Hannah Arendt não passa de uma agitadora travestida de jornalista e propagandista; os juizes israelenses como Guidon Hausner (o promotor no caso Eichman) não são nada confiáveis, e as testemunhas que fizeram depoimentos atuam motivadas pelas indenizações monetárias que irão receber da Alemanha.
- (9) Há argumentos anti-sionistas utilizados com fervor e fanatismo. Por exemplo: a) O Estado de Israel é o centro estratégico de um *complot internacional* que permite executar o objetivo sionista: apoderar-se do dinheiro do mundo; b) os judeus sionistas tiram proveito do mito dos seis milhões para desapropriar os árabes de suas terras, e, c) os *pogroms* perpetrados na Polônia e na Rússia serviram aos interesses sionistas, portanto é bem provável que jamais tenham acontecido. A meta seria apoiar a emigração judaica rumo à Palestina britânica.

Certamente, podemos dizer que existem aqui vários dos ingredientes necessários para constatar a existência de um forte teor anti-semita da literatura *revisionista*; mescla do anti-semitismo tradicional com o anti-semitismo moderno.

## 1. Racismo

O discurso racista não é freqüente entre os historiadores *revisionistas*. Muitos deles estão cientes que os judeus não são uma raça e sim um povo, inclusive há outros que definem os judeus como *nação*. A escola da negação do mito dos seis milhões sabe que reside aqui um grande problema, uma vez que tratar o judeu como raça implicaria em responder a processo jurídico por discriminação e difamação, crimes inafiançáveis em vários países do mundo, inclusive no Brasil. Mesmo assim encontramos movimentos que tentam recriar o Nazismo e sua ideologia segregacionista.

O raciocínio *revisionista* funciona da seguinte maneira: os judeus e seus cúmplices (EUA e União Soviética principalmente), se propõem minar o surgimento de qualquer tipo de sentimentos nacionais, qualquer campanha que pretenda preservar tanto a raça branca como a herança cultural européia. Os negadores recebem com entusiasmo a mistura racial existente nos EUA, mas condenam a invasão da Europa por asiáticos, africanos e judeus.

O discurso racista não demonstra consistência suficiente para que possa ser utilizado pelos historiadores *revisionistas*.

## 2. Anticomunismo

Da mesma forma que Adolf Hitler lutou contra o comunismo, (o inimigo número um do Estado alemão), historiadores *revisionistas* combatem o elemento judaico pregando uma batalha total contra o comunismo pós-

guerra. Eis alguns exemplos que mostram a postura anti-soviética adotada pela Alemanha:

- (1) As atrocidades perpetradas pelos alemães contra os judeus europeus durante a Segunda Guerra foram propagadas pelos comunistas.
- (2) Os campos de trabalho e concentração mais cruéis não foram aqueles da Alemanha nazista, e sim os campos de trabalho soviéticos, a exemplo daqueles localizados na Sibéria.
- (3) A União Soviética está interessada em difundir o mito dos seis milhões para impedir a reunificação da Europa.
- (4) Os dados estatísticos apresentados pela União Soviética são infundados. Todas as testemunhas que depõem por trás da cortina de ferro não são nada confiáveis e respondem a interesses imperialistas. Como assinalamos, existe uma cumplicidade entre Moscou e Tel Aviv. Obviamente, Jerusalém jamais é tida como a capital do Estado judeu.

## 5. A REAÇÃO DIANTE DAS AFIRMAÇÕES INFUNDADAS

Existem formas de combater o *revisionismo* histórico. No que tange as fórmulas de reação a esta corrente de pensamento, seria conveniente distinguir entre dois níveis bem definidos de atuação: por um lado o *público-judicial* e por outro o *científico-acadêmico*.

Sabemos perfeitamente que no âmbito judicial as idéias sobre a revisão e negação do Holocausto estão bastante divididas. Há os judeus que exigem lutar abertamente contra estas invenções a fim de que as obras publicadas sejam proibidas e que a difusão desta literatura seja interdita. No entanto há outros que se opõem terminantemente a esta campanha argumentando que toda proibição de literatura *revisionista* ou *negacionista* outorgaria aos autores dessas obras uma publicidade gratuita e uma notoriedade maior na mídia. Segundo estes últimos é preferível ignorar as publicações até que elas desabem por si mesmas. Toda polêmica comunitária ou extra-comunitária em torno de qualquer tipo de tese *revisionista* resultará em ampla propaganda, e como tal deve ser evitada.

Evidentemente fica difícil saber qual dos caminhos a seguir é o mais adequado. Na minha opinião não se deve optar por um método ou uma posição a priori, pois cada caso é um caso. É sempre importante adotar critérios bem definidos para cada ocasião, a saber: analisar a flexibilidade das leis no que diz respeito à liberdade de expressão, avaliar a descoberta de evidências que ponham em dúvida a credibilidade dos instigadores locais, estudar o caráter e a dimensão do público alvo dos caluniadores *revisionistas*, etc. Fica entendido que, existindo abertamente uma provocação contra os judeus, um silêncio poderá ser interpretado por boa parte da população como admissão de culpa, portanto reagir será indispensável.

Porém, cientes que a juventude é a parte mais susceptível e influenciável da população em relação à difusão das teorias *revisionistas*, acredito que exista uma tarefa de extrema importância reservada às comunidades judaicas da Diáspora: exigir às autoridades locais que os temas “Holocausto” e “Nazismo” sejam debatidos de forma profunda em escolas e universidades. É necessário que os programas de estudo possuam um equilíbrio entre a relevância que o Holocausto teve para o povo judeu e os aspectos universais dos crimes perpetrados contra os mais diferentes povos durante a Segunda Guerra. Resulta essencial também acentuar as calamidades que ideologias totalitárias, racistas e maniqueístas trazem à sociedade moderna.

Uma outra obrigação, talvez um pouco mais sutil, recai nos líderes do povo judeu tanto em Israel como na Diáspora. Eles não devem recorrer ao Holocausto para justificar a criação e existência do Estado de Israel, e assim “sensibilizar” a opinião pública mundial. A relação causa-efeito entre o Holocausto e criação do Estado judeu (discutida com a maior naturalidade), afastaria a um segundo plano a árdua tarefa sionista que permeou à Palestina britânica desde a Declaração Balfour (1917) ou inclusive antes. Negligenciar esta premissa não é somente cometer um grave erro histórico como também usar uma faca de dois gumes.

No âmbito acadêmico a situação não está nada fácil. Também aqui estamos diante de um grande dilema: por um lado há uma imperiosa necessidade de refutar as terríveis calúnias proferidas pelos *revisionistas*, e pelo outro há o risco de presenteá-los com uma repercussão ainda maior daquela que já obtiveram com o passar do tempo. Ignorar o dilema significaria admitir que eventuais erros cometidos no decorrer da pesquisa do Holocausto foram propositais, que existem inverdades, e que alguns documentos utilizados como fortes evidências são falsos, despertam dúvidas ou escondem a verdade. Mas, também muito cuidado: realizar freqüentes debates acadêmicos com os negadores do Holocausto poder-se-ia interpretar como uma outorga de legitimidade a seus infundados argumentos.

Existe uma outra maneira de lidar com os *revisionistas*: incluir nos nossos trabalhos de pesquisa aqueles temas abordados pelos negadores e ao lado as várias distorções e falsas afirmações trazidas neles. Faço referência àqueles assuntos que levantam questões desafiadoras, (mesmo quando usados demagogicamente), assuntos que podem despertar dúvidas em círculos não identificados a priori com os *revisionistas*, mas que ignoram as dificuldades que deve superar um estudioso sério do Holocausto. Citando alguns exemplos: as diferentes formas em que Hitler transmitia suas ordens (não há assinatura do Führer ordenando a morte de judeus), a forma em que chegava a informação aos aliados sobre o que acontecia dentro dos campos (através das fotos aéreas chegadas a Washington), a abertura gradual dos arquivos de documentação (o Arquivo do Vaticano, o da Chancelaria britânica), cujos textos podem elucidar pontos mal explicados pelos negadores do mito dos seis milhões.

Os pesquisadores anti-revisionistas devem estimular debates intensivos com historiadores cuja seriedade acadêmica não é discutida, mas que tendem a omitir (quase por completo) o lugar do Holocausto no contexto da Segunda Guerra. A urgência em demonstrar a relação entre a ideologia nazista e os crimes perpetrados que alguns estudiosos se esforçam em negar, é parte fundamental nessa árdua tarefa de *desmascarar o revisionismo* histórico.

Especialistas em Holocausto devem guiar as comunidades judaicas no mundo e os meios de comunicação para que erros dos *revisionistas* não sejam aproveitados cinicamente pelos negadores do Holocausto.

Estes são alguns dos passos recomendados para impedir que surtos de *judeofobia* sejam convertidos numa praga devastadora e totalmente obscena.

## **PALAVRAS FINAIS**

Todas as atividades destinadas a negar o genocídio planejado de seis milhões de judeus nos obriga a admitir uma amarga verdade: o anti-semitismo é uma doença grave, uma neurose tão aguda que sequer uma experiência da magnitude do Holocausto pode curar por completo. Ele pode adormecer durante um determinado período, mas volta a acordar com novas forças, “mudando suas vestes” e atuando cada vez com brios muito mais intensos.

Através das gerações os judeus mantiveram esperança no desaparecimento do anti-semitismo, e acreditaram que aquelas sociedades liberais e racionais poderiam desligar-se totalmente do bacilo do anti-semitismo; no

entanto este pensamento não correspondeu para nada às expectativas. No decorrer do século XIX as sociedades européias fortemente emancipadas exigiram do judeu a renúncia de sua identidade, enquanto nas sociedades pluralistas de nossos dias, baseadas na liberdade de expressão (legado judaico), permitem faltar à verdade e difundir impunemente calúnias e mentiras grosseiras.

Digo mais: Se por acaso tínhamos a certeza que a independência nacional nos liberaria, tanto aos judeus como a humanidade em geral desta velha doença chamada anti-semitismo; também aqui sofreremos um grande desapontamento. É precisamente o Estado de Israel, a única democracia do Oriente Médio, virou alvo dos anti-semitas contemporâneos, muitas vezes tachados de “anti-semitas pós-modernos”.

Em relação às reações, é obvio que precisamos lutar inexoravelmente contra esta nova versão dos “*Protocolos dos Sábios de Sion*”. Porém, é necessário também que os métodos de combate sejam escolhidos com extremo cuidado, evitando, se possível, ações impulsivas e precipitadas que possam acarretar mais prejuízos que proveito.

E para finalizar, devemos saber lidar com a idéia que determinados grupos, por diversos motivos, continuarão a procurar novos “bodes expiatórios”, sem abrir mão de suas posições anti-semitas fanáticas, sejam elas premissas e convicções próprias ou meios de propaganda. A tarefa a seguir, tanto educativa como jurídica, deve ser realizada junto a aqueles círculos livres de prejuízos que estejam dispostos a escutar análises racionais baseados em pesquisas e estudos de evidências irrefutáveis.

## **BIBLIOGRAFIA**

- Algasi, J., Purificando lo impurificable (hebraico). Malkut Moreshet no. 28, 1979, págs. 95-105.
- Arendt, Hannah, Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil. New York 1965 (edição revisada e ampliada).
- Butz, A.R., The Hoax of the Twentieth Century. Chapel Ascote 1976.
- Castan, S.E., Holocausto judeu ou alemão? Nos Bastidores da mentira do século. Porto Alegre 1987.
- Finkelstein, N.G., A Industria do Holocausto: Reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus. Ed. Record. Rio de Janeiro - São Paulo 2001.
- Gutman, Israel, A negação do Holocausto (hebraico). Judaísmo Contemporâneo vol. 1, 1984, págs. 103-119.
- Hilberg, R., The Destruction of the European Jews. New York 1961.
- Hodara, R., El intento de negación del Holocausto. (Impresso).
- Irving, David, Hitler's War. Viking 1977.
- Jahoda, M.–Akerman, N.W., Distúrbios emocionais e Anti-semitismo. Editora Perspectiva. São Paulo 1969.
- Katz, S., The Holocaust in Historical Context. Oxford 1994.
- Kulka, E., The Holocaust is Being Denied. Tel Aviv 1977.
- Milgram, A., Entre la aceptación y el rechazo: América Latina y los refugiados judíos del Nazismo. Yad Vashem, Jerusalém 2003.
- Novick, P., The Holocaust in American Life. New York 1999.
- Rassinier, P., Debunking the Genocide Myth. A Study of the Nazi Concentration Camps and the Alleged Extermination of European Jewry. Introduction by Pierre Hofstetter. Translated from the french by Adam Robbins. The Noontide Press, Newport Beach, CA, Los Angeles 1978.
- Sartre, J.P., Réflexions sur la question juive [Versão inglesa: Portrait of the Anti-semite]. Paris 1946.

**(\*) O Prof. Reuven Faingold é PhD em História pela Universidade Hebraica de Jerusalém, membro do “Congresso Mundial de Ciências Judaicas” e sócio-fundador da “Sociedade Genealógica Judaica do Brasil”. Pesquisador da História judaica medieval e moderna é autor do livro: *D. Pedro II na Terra Santa: Diário de Viagem – 1876*. Editora Sêfer, São Paulo 1999.**